

## Memórias eternas

Paulo Gadelha  
Desembargador Federal do  
TRF da 5ª Região

Sempre admirei Winston Churchill nas múltiplas e polivalentes faces da sua vida: o político, o estadista, o cabo-de-guerra e o homem de letras.

De Churchill, o frasista emérito, guardei sentenças admiráveis, como aquela em que, se referindo ao isolamento da então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, lembrava ser “a Rússia um enigma, dentro de um segredo, cercado de mistério”.

Recentemente, nostálgico do lorde britânico que prometeu ao mundo, sangue, suor e lágrimas, reli, com emoção, as suas antológicas *Memórias da Segunda Guerra Mundial* – volume 1, numa primorosa tradução feita a quatro mãos por Vera Ribeiro e Gleuber Vieira, em luxuosa publicação da Nova Fronteira.

De logo devo dizer, não ser tarefa fácil resenhar, num canto de página de jornal, a grande saga vivida por Churchill.

Assim, resumidamente, digressões serão feitas à guisa de, aleatoriamente, explicar a memorável obra.

Como, por exemplo, a maneira de convencer o Novo Mundo, a entrar na guerra, pois o Velho Mundo já o fizera, e, só unida, a banda livre da terra poderia sepultar os sonhos de poder de Hitler e seus aliados.

Sabia, estrategista de longo curso, que o triunfo dos ideais libertários passava, inelutavelmente, pela participação dos Estados Unidos ao lado das chamadas Forças Aliadas.

Assim, para convencer o Presidente Franklin Roosevelt a aderir à guerra, usou das armas que mais sabia usar, quando as circunstâncias o recomendavam: humildade, talento e determinação.

Nas suas memórias, ele o enfatiza, solene: “Amante algum correu atrás da amada como corri eu atrás do Presidente Roosevelt e dos Estados Unidos da América”.

Na busca sem fronteiras do apoio norte-americano, ele tinha plena convicção de que só ganharia a batalha submarina do Atlântico e a batalha aérea com a sua obstinada e heróica RAF enfrentando a experiência e o arsenal técnico da Luftwaffe, se a Casa Branca largasse a neutralidade e fosse firme abraçar a causa dos que defendiam o mundo livre.

De fato, com a adesão das tropas norte-americanas, Hitler arquivou os planos de travessia do Canal.

Metáfora à parte, a guerra começou a ser ganha neste momento.

As memórias que, aqui, sinoticamente comento, são apenas um quarto dos seis volumes que deram a Winston Churchill o Prêmio Nobel de Literatura em 1953.

Depois de ter doado ao mundo o direito à liberdade, volta ao seu país, a Inglaterra, e perde a eleição que disputa, mas não perde o humor, observando elegante: “O povo inglês reconheceu todo o meu esforço e resolveu dar-me um tempo de descanso”.

O mundo livre, porém, deu-lhe glória e gratidão.

Com o selo dos valores imperecíveis.